



Voltar para casa

O Eterno traçou um plano de salvação para o homem caído que envolvia enviar o Redentor para que Jesus, Deus-homem, pudesse morrer na cruz do Calvário no lugar do homem pecador e assim substituí-lo em sua morte ao levar sobre si a condenação e o juízo por causa do pecado. Dessa forma, Jesus se torna o Mediador de uma nova aliança, o Pacto da Graça. Dessa forma, o Eterno traçou um caminho para voltarmos para casa, para retornarmos a um relacionamento pessoal, íntimo e profundo com Ele mesmo. Esse é o conteúdo da maravilhosa mensagem do Evangelho.

Entretanto, é importante uma questão: como nos conectamos ao Evangelho? A semelhança das pessoas que ouviram a pregação inaugural de Pedro em Atos 2, ao ouvir o Evangelho, chegamos a questão: “O que faremos?” (v.37). Ou seja: como me tornar participante do Pacto da Graça e assim ser encontrado em Cristo? Ainda estamos no campo da doutrina da salvação (soteriologia) mas desta vez voltados para a resposta humana a iniciativa divina de redenção em Cristo, a maneira como devemos nos conectar a obra de Cristo que já está pronta e acabada na cruz do Calvário.

Como nos conectamos a essa obra?

Como nos conectamos ao que Jesus fez? Essa é uma pergunta importante pois indica que a mera audição e compreensão do Evangelho por si só não são suficientes para nos qualificar como homens e mulheres redimidos em Cristo, ao contrário do que alguns pensam. Na verdade, após a compreensão conceitual da mensagem do Evangelho, o homem deve colocar nessa mensagem sua esperança de salvação por meio do arrependimento seguido de fé salvífica.

A Confissão de Fé de Westminster deixa claro que “o pecador, pelo arrependimento, de tal maneira sente e aborrece os seus pecados que, deixando-os, se volta para Deus” (CFW, Cap. 15, Par. 2). O termo “arrependimento” vem da palavra grega “metanoia”, que significaria literalmente “mudança de mente”.¹² O conceito bíblico de arrependimento inclui um profundo pesar pelo pecado, pelo estado de separação de Deus e de todas as consequências dessa separação, mas vai além pois ao mesmo tempo é um ato de mudança completa de direção: o pecador que antes estava de costas para seu Criador trilhando o caminho de sua autosuficiência se volta para seu Criador, buscando nele ajuda para voltar para casa.³

Sproul nos lembra que o primeiro comando de Deus para o homem caído é para que o mesmo se arrependa. No entanto, como pode o homem pecador se arrepender de seus pecados estando sob a escravidão do mesmo? Como pode o homem caído, completamente falido espiritualmente vir a se arrepender por seus pecados e se voltar para Deus? Essa questão, que foi alvo de debates intensos no século IV, especialmente entre Agostinho e Pelágio, encerra uma questão: pode o homem por si mesmo vir a se arrepender e crer em Deus? A resposta dos Reformadores é um sonoro “não”.⁴ A CFW deixa claro que o homem jaz em um estado de completa indiferença a Deus e permanece em seu estado de depravação total até que o Espírito de Deus age em seu coração (CFW, Cap.14, Par. 1). Paulo nos lembra que a fé é um dom de Deus que nos tira de nosso estado de completa morte espiritual (Efésios 2). Por isso mesmo, “arrependimento genuíno é algo que é trabalhando em nós pelo Espírito Santo. É uma atividade graciosa de Deus”.⁵

Além disso, “a conversão e o arrependimento estão ligados de forma inseparável. Se olharmos cuidadosamente o conceito de fé do Novo Testamento, que é exigência suprema para redenção, aprendemos que arrependimento piedoso é uma parte integral da fé. Se uma pessoa tem fé mas sem arrependimento, essa pessoa não tem uma fé autêntica [...] Conversão é um resultado de fé e arrependimento”.⁶

O arrependimento é quando o homem dá as costas a sua antiga vida e se volta para seu Criador. Neste movimento, o pecado olha para o Eterno e coloca sua fé na obra salvadora de Jesus Cristo. Como destaca Packer, “arrependimento é fruto da fé, que é ela mesmo fruto da regeneração [...] Arrependimento é inseparável da fé, de forma a ser o aspecto negativo (fé é o aspecto positivo) de voltar-se para Cristo como Senhor e Salvador”.⁷ Como Packer e Sproul deixam bem claro, para conectar-se a obra redentora de Cristo é necessário o arrependimento e a fé salvífica, que parecem dois movimentos distintos mas são um só, devido a interdependência que existe entre os mesmos, como destaca Erickson: “Conversão é uma

¹ SPROUL, R. C.: *What Is Repentance?* First edition. ed. Orlando, FL; Sanford, FL : Reformation Trust; Ligonier Ministries, 2014, p.2

² BOAYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.382

³ BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.383-384

⁴ ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.932

⁵ SPROUL, R. C.: *What Is Repentance?* First edition. ed. Orlando, FL; Sanford, FL : Reformation Trust; Ligonier Ministries, 2014, p.29-31

⁶ SPROUL, R. C.: *What Is Repentance?* First edition. ed. Orlando, FL; Sanford, FL : Reformation Trust; Ligonier Ministries, 2014, p.29-31

⁷ PACKER, J. I.: *Concise theology: a guide to historic Christian beliefs*. Wheaton, IL : Tyndale House, 1993

só entidade que possui dois aspectos distinguíveis mas inseparáveis: arrependimento e fé”.⁸

A palavra fé pode suscitar diferentes conotações, indo desde de um sistema de crença religiosa (“a fé cristã”), até um otimismo pessoal (“tenho fé que vai melhorar”). Como bem observa Sproul, a palavra fé tem em si um elemento de confiança.⁹ O termo “fé salvífica” é utilizado então para se referir a confiança que o pecador, arrependido por seus pecados, deposita na obra consumada de Cristo para receber o perdão e libertação, de maneira a poder viver de frente para o Criador e não de costas para o mesmo como vivera antes.¹⁰

Sproul afirma que “quando convocamos pessoas a conversão, é apropriado pensarmos em termos de ‘voltar para casa’ – de volta para onde nós estávamos originalmente, na presença de Deus, em comunhão com Deus e submissão a Deus. O chamado ao arrependimento é um chamado para retornar, um chamado para voltar para casa”.¹¹ O arrependimento nos chama para voltar para casa, mas como podemos voltar para casa? A resposta é: colocando nossa confiança total e exclusivamente na obra redentora realizada por Jesus, Deus e Homem, na cruz do calvário em meu lugar. Quando colocamos nossa fé em Jesus ele se torna nosso Segundo Adão, nosso novo representante diante do Criador, o Mediador da Nova Aliança de Deus conosco, o Pacto da Graça!

Novamente, é importante destacar que “o Novo Testamento nos diz que a fé é um dom de Deus. Fé não é algo produzido pelo nosso próprio poder, mas é moldado pelo Espírito Santo. Isto é chamado ‘renascimento’ ou ‘regeneração’.¹² Assim, “a graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles” (CFW, Cap. XIV, Par. 1). Uma vez que o Espírito Santo gera fé no coração do homem “os principais atos de fé salvadora são: aceitar e receber a Cristo e descansar só nele para a justificação, santificação e vida eterna, isto em virtude do pacto da graça” (CFW, Cap. 14, Par.2)

Crer é desistir

Para nos conectarmos a obra de Cristo é necessário cremos em Cristo como nosso único e suficiente salvador. O Apóstolo Paulo, em sua Epístola aos Gálatas, já combatia a tendência humana de tentar somar algo a obra de Cristo e essa tendência ainda permanece em nós. Timothy Keller em seu livro “O Deus Pródigo” tem o importante insight de que na parábola dos dois filhos Jesus “mostra que todas as pessoas se dedicam ao projeto de autossalvação”.¹³ Isso significa dizer que o homem caído deseja salvar a si mesmo, em um projeto de autossalvação, pois não quer depender única e exclusivamente da obra de Cristo para ser salvo. Bonhoeffer chama a isso de autojustificação: o esforço do ser humano para justificar a si mesmo.¹⁴

Keller nos lembra que os fariseus eram grandes mestres no arrependimento e transformavam o arrependimento em outra maneira de exibir sua própria bondade, de manterem o controle sobre Deus a partir de sua atitude e assim continuarem sendo os atores de sua própria salvação, transformando assim o arrependimento em uma forma de autossalvação. O importante é compreender que devemos nos arrepender não só de nossos pecados, mas também de nossas tentativas de parecer justos aos olhos de Deus por meio de nossas boas obras, por tentarmos por meio de nossa bondade e obediência ser nosso próprio Salvador, nosso próprio Senhor. Neste sentido o arrependimento desiste de todo projeto de autossalvação. Nos arrependemos de desejarmos ser o ator principal de nossa própria salvação e transformação e deixamos o Senhor ocupar esse lugar. Arrependimento seguido de uma profunda rendição, de uma profunda entrega.¹⁵ Crer em Jesus significa desistir de todo projeto de autossalvação.

Outro aspecto importante sobre o qual devemos aplicar o Evangelho é sobre a tendência do coração humano de conceder a algo ou alguém o amor, a devoção e a confiança que deveríamos entregar apenas a Cristo: a idolatria. Como afirmar Keller, “a idolatria não é apenas um fracasso em obedecer a Deus; é uma marca de que o coração inteiro está em algo além de Deus.¹⁶ Podemos esperar que o dinheiro, o poder, o cônjuge, os filhos, o sucesso e a carreira nos dêem a realização, sentido de vida, amor e segurança que só deveríamos buscar em Deus, nosso Criador e Redentor. Por causa disso essas mesmas coisas que “adoramos” se tornam ídolos, falsos deuses, e tanto nos oprimem quanto nos decepcionam. Crer em Cristo é também desistir de buscar fora de Deus aquilo que só podemos encontrar n’Ele.

⁸ ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.934

⁹ SPROUL, R. C.: *What Is Faith?, The Crucial Questions Series*. vol. 8. Lake Mary, FL : Reformation Trust Publishing, 2010, p.4

¹⁰ ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.940

¹¹ SPROUL, R. C.: *What Is Repentance?* First edition. ed. Orlando, FL; Sanford, FL : Reformation Trust; Ligonier Ministries, 2014, p.16

¹² SPROUL, R. C.: *What Is Repentance?* First edition. ed. Orlando, FL; Sanford, FL : Reformation Trust; Ligonier Ministries, 2014, p.29-31

¹³ KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.67

¹⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 199, p.71

¹⁵ KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.104

¹⁶ KELLER, Timothy. *Falsos deuses*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.150